

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

AFONSO QUINTILIANO DUMONT PEREIRA

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

Um estudo de caso

Belo Horizonte - MG

2019

AFONSO QUINTILIANO DUMONT PEREIRA

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

Um estudo de caso

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica para Professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte Na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Vinicius Sales dos Santos

Belo Horizonte - MG

P436c Pereira, Afonso Quintiliano Dumont, 1980-
TCC

A coordenação pedagógica no processo de inserção e permanência de professores homens na educação infantil [manuscrito]: um estudo de caso / Afonso Quintiliano Dumont Pereira. - Belo Horizonte, 2019.
47 f.: il.

Orientador: Sandro Vinicius Sales dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso -- (Especialização) -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação pré-escolar. 2. Escolas – Organização e administração. 3. Homens na educação.

I. Santos, Sandro Vinicius Sales dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD- 372.21

Catálogo da Fonte[†]: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário[†]: Albert Torres CRB6 2582

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[†].)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO
COTIDIANO ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**A Coordenação Pedagógica no Processo de Inserção e Permanência de Professores Homens na Educação Infantil: Um Estudo de Caso**”, do(a) aluno(a) **Afonso Quintiliano Dumont Pereira**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Sandro Vinicius Sales dos Santos (orientador) e Lisa Mineli Feital. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 93, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Afonso Quintiliano Dumont Pereira
Afonso Quintiliano Dumont Pereira

Registro na UFMG: 2018748780

Sandro Vinicius Sales dos Santos
Sandro Vinicius Sales dos Santos
Professor(a)-Orientador(a)

Lisa Mineli Feital
Lisa Mineli Feital
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua infinita bondade e pelo Espírito Santo abençoar-me com a graça da sabedoria.

Aos profissionais da EMEI, de forma especial ao professor, que participaram das entrevistas com solicitude e prontidão.

Ao professor Sandro pela sua valorosa orientação e pelo acompanhamento contínuo.

Às colegas da turma pelo compartilhamento das experiências ao longo dos sábados do LASEB.

Ao meu grande amor, por caminhar comigo. Muito obrigado pela motivação e pelo apoio diário.

“Meu caminho é feito de uma alma com pés valentes, mesmo quando cansados arriscam mais um passo. É essa doce valentia que me trouxe até aqui”.

(Ana Jácomo)

RESUMO

A presente pesquisa analisou como a coordenação pedagógica de uma EMEI da Rede Municipal de Belo Horizonte pode contribuir no processo de inserção e permanência do professor homem atuando com as crianças de 0 a 5 anos de idade. O estudo pautou-se em três eixos conceituais, quais sejam: Educação Infantil, professor homem e coordenação pedagógica. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado um estudo de caso de abordagem qualitativa, em uma EMEI da RME-BH. Os procedimentos e instrumentos utilizados foram: as entrevistas, a observação, análise documental e uma roda de conversa. Este trabalho teve sua fundamentação nos seguintes estudiosos: Sayão (2005), Cardoso (2007), Ramos (2011), Silva (2014), Santos (2015), dentre outros. O estudo possibilitou a verificação dos desafios e dificuldades vivenciados pelo professor homem na EMEI investigada perante a sua presença, sendo eles: a resistência e o preconceito das famílias/comunidade escolar, a relação com os cuidados das crianças pequenas e com as atribuições do cargo, a utilização dos banheiros, a supressão do homem em informes da escola e a baixa remuneração salarial. Também foram identificadas as percepções dos seguimentos que atuam junto ao professor, a diretora, a coordenadora e uma professora da mesma turma de atuação na EMEI. As reflexões e análises da pesquisa buscam favorecer na constituição de uma coordenação pedagógica democrática pautada no estabelecimento do diálogo, da parceria com professor homem primando pelo incentivo as crianças desde pequenas ao exercício do respeito as diferenças e ao desenvolvimento de uma convivência harmoniosa independente do gênero.

Palavras-chave: Educação Infantil.Coordenação pedagógica.Professor homem.

ABSTRACT

This paper analyses the way a pedagogical coordination can contribute in the admission and permanence of male teacher in early childhood education, children aged 0-5, in an EMEI (early childhood school) of Municipal Education System of Belo Horizonte City in Minas Gerais State. The study has three parts: childhood education, male teacher and pedagogical coordination. This is also a case study research in a qualitative approach. The data was collected in an EMEI (early childhood school) of Municipal Education System of Belo Horizonte City in May, 2019. The data collection instruments used are: interviews, observation, documents analysis and a conversation circle. This paper is based on Sayão (2005), Cardoso (2007), Ramos (2011), Silva (2014), Santos (2015), among others. The study brings out the challenges and difficulties faced by male teachers such as the resistance and prejudice from the families and scholar community related to the care of early children and the attributions of the job, the use of the restrooms, the suppression of male professionals in school notices and low wages. This study also considers the perception of co-workers such as the school director, the school coordinator and a teacher who also works in the same classroom of the teacher involved in this case study. The analysis results try to establish a dialogue between a democratic pedagogical coordination in a partnership working with the male teacher seeking to promote a respectful relationship with the children no matter gender.

Keywords: Early Childhood Education, Pedagogical coordination, Male Teacher Infant Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEB – CONSELHO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

CF – CONSTITUIÇÃO FEDERAL

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DIRE – DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

EMEI – ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

GDP – GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

LASEB – PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PBH – PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

RCNEI – REFERENCIAIS NACIONAIS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

RME-BH – REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO HORIZONTE

SGE – SISTEMA DE GESTÃO ESCOLAR

SMED – BH – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

UMEI – UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	14
2.1 A Educação Infantil em Belo Horizonte	14
2.2 A Coordenação Pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte	15
2.3 O Professor Homem na Educação Infantil da Rede de Ensino Municipal de Belo Horizonte	17
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Dos Instrumentos Metodológicos	25
3.2 Caracterização da EMEI Bem-Te-Vi e dos Entrevistados(as)	26
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1 As Dificuldades Vivenciadas Pelo Professor do Sexo Masculino no Processo de Inserção e Permanência na Educação Infantil de uma EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.....	31
4.2 Percepção dos Diferentes Seguintos Escolares Sobre a Presença do Professor do Sexo Masculino na Educação Infantil de uma EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.	37
4.3 Contribuições da Coordenação Pedagógica no Processo de Inserção e Permanência do Professor Homem na Educação Infantil em uma EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

APRESENTAÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal compreender como a coordenação pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais, pode contribuir para o processo de inserção e permanência de professores homens na docência da Educação Infantil.

Adicionados a este objetivo central surgiram mais três objetivos, que buscam: 1) Descrever as dificuldades vivenciadas pelo professor do sexo masculino no processo de inserção e permanência na docência da Educação Infantil; 2) Identificar como diferentes seguimentos da comunidade escolar percebem a presença do professor do sexo masculino no contexto de uma EMEI da Rede de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte e; 3) Analisar, juntamente ao professor e à coordenação pedagógica da EMEI como ela pode contribuir para inserção e permanência de profissionais do sexo masculino na docência na Educação Infantil.

Na atualidade, é possível afirmar que a produção teórica sobre a presença de docentes homens na Educação Infantil mostra-se um pouco tímida, com um número reduzido de autores, mas durante a realização desse trabalho foram consultados os seus representantes (SAYÃO, 2005; CARDOSO, 2007; RAMOS, 2011; SILVA, 2014; SANTOS, 2015; dentre outros) estudiosos(as) que têm se debruçado de maneira intensa sobre a temática principal aqui abordada.

A escolha por este objeto de estudo surge na interseção de minhas trajetórias profissionais e acadêmicas. Inicialmente diante da minha aprovação no concurso para Educador Infantil em Belo Horizonte que ocorreu no ano de 2003. Em 2006, fui nomeado, mas exonerei do cargo nesse mesmo ano, não pelas piadas, pelo preconceito ou pela incapacidade profissional de enfrentar os desafios que acreditava que não seriam poucos, mas pela incompatibilidade de horários, meu horário de trabalho seria das onze horas às quinze horas e trinta minutos; e como tenho o cargo de Pedagogo, no município de Contagem à tarde, a conciliação de ambos os cargos tonou-se inviável. Aqui vale lembrar que quando assumi o cargo de Educador Infantil em Belo Horizonte, na SMED-BH (Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte), na escola e na UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), em todos estes espaços por onde passei foi possível perceber os olhares de estranhamento, os questionamentos como que afirmando em pensamento: “O homem fora do lugar”.

Ainda em 2006, logo após a exoneração do cargo de educador infantil quando cheguei na escola para atuar na docência como Professor do primeiro e segundo ciclos, por ser homem e o mais jovem logo me receberam e me deram uma turma do 6º ano; e ainda pelo que falaram que como o mais novo, recém chegado deveria estar com toda a teoria e daria conta. Me entregaram a turma mais difícil, aquela na qual nenhum (a) professor (a) queria trabalhar, isto ocorreu ao final do mês de agosto. A Coordenação Pedagógica não se posicionava, ou para melhor esclarecer, notava-se que era uma professora que não queria ficar na sala ou que daria apenas algumas poucas aulas. Havia uma organização com quatro salas e cinco professores, sendo quatro de referência e uma coordenadora. A disciplina da turma era muito difícil e não recebi apoio do grupo, da coordenação e da direção da escola. A equipe de trabalho do turno era formada por grupos, sendo que cada um destes possuía uma coordenação diferente. Estes grupos por sua vez eram muito fechados e do grupo do qual fui fazer parte, sua composição se deu pelos (as) professores (as) novatos (as) e que sobraram dos demais.

Em 2007, um novo grupo foi formado e com a saída de alguns colegas outros professores vieram integrá-lo. Éramos cinco professores para quatro turmas dos sextos anos, sendo uma professora com poucas aulas para completar sua carga horária na função de coordenação também substituíam em caso de ausências. O grupo (e a coordenação) logo decidiu que eu, por ser o homem e imperativamente gostar de futebol, daria aulas da disciplina de Educação Física. Não houve nenhuma acolhida e escuta da minha opinião e desejo. Passei o ano todo administrando a utilização da quadra coberta entre meninos e meninas, resolvendo conflitos e desentendimentos.

Como as questões disciplinares das turmas estavam muito evidentes, uma aluna chegou a arrancar com os dentes um pedaço da orelha da colega dentro da sala. Nesse momento, aconteceu o acirramento da disputa pela função de coordenação. A professora que estava desempenhando a função sofria críticas ferrenhas da outra colega quanto à sua atuação. Então a primeira acabou passando a função para a segunda e os problemas só se agravaram. Não havia unicidade, coerência no grupo e as questões pedagógicas ficavam para último plano.

Também é importante ressaltar que em outras duas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte pelas quais passei não havia banheiros masculinos nas salas dos professores, existia apenas um banheiro que deveria ser utilizado pelos homens e mulheres. Nesse aspecto segundo Cardoso (2007, p. 02) “a maciça presença feminina nos espaços educativos e as representações que as mulheres fazem do seu envolvimento possui implicações sobre as

práticas pedagógicas”. Sendo assim, é possível afirmar que essas implicações influenciaram até nas construções dos espaços físicos das escolas e ocasionaram conflitos após a chegada dos professores homens, uma vez que as professoras mulheres demonstravam insatisfação com a utilização dos banheiros únicos pelos seus colegas professores homens.

Mais uma vez na RME-BH, ao solicitar transferência da escola da Regional Venda Nova para outra escola da Regional Barreiro, pela questão da distância da minha residência, logo ao chegar na escola de destino a diretora me colocou como professor no Projeto Entrelaçando¹, justificando que devido ao fato de ser homem daria conta da disciplina e do controle dos estudantes dentro da sala.

Ainda é preciso relatar que quando assumi o cargo de Supervisor Escolar, hoje denominado Pedagogo, após a mudança da tipologia no município de Contagem, em meados de 2005 quando sai da situação funcional de contratado (na qual me encontrava desde o ano de 2003 assumindo a situação de efetivo) com a mudança para outra escola da Rede Municipal de Contagem a própria diretora da escola questionou as outras duas supervisoras: “Ele é muito organizado, tem a letra muito bonita, será que é homem mesmo?” Conforme suas palavras e como se isso tivesse relação direta com o perfil do profissional.

Mais um episódio que merece ser relatado trata-se de um colega professor que quase foi impedido de atuar no primeiro ano do primeiro ciclo. Na sua escola muitas pessoas afirmavam categoricamente que ele não daria conta de alfabetizar as crianças, esse profissional possuía amplos conhecimentos (teórico-prático) para a tarefa, pois havia feito especialização em alfabetização. Foram realizadas várias reuniões entre a coordenação pedagógica, a direção e o professor com o intuito de dissuadi-lo de tal ideia. Até que ele conseguiu atuar na turma realizando um ótimo trabalho e alcançando resultados positivos.

E por último atuando como pedagogo na Educação Infantil em Contagem há aproximadamente seis anos, no início do corrente ano letivo na primeira reunião de pais da escola onde atuo a aproximadamente cinco anos ao fazermos a apresentação dos professores, uma mãe mostrou-se transtornada ao perceber que um professor homem atuaria na turma de dois anos da sua filha. A mãe disse aos gritos: “Ele não vai trocar a fraude da minha filha, não é?”.

Diante deste emaranhado de episódios, entre as experiências vivenciadas no próprio processo da minha constituição como professor e pedagogo é que foram surgindo as

¹ Projeto Entrelaçando: Projeto de intervenção que consistia na forma de uma turma com no máximo de 20 estudantes do segundo ciclo com uma ou mais retenções ao longo dos 3 anos ciclo, fora da faixa etária regular e com dificuldades no processo de alfabetização.

indagações e inquietações do ser e manter-se professor e pedagogo homem nos anos iniciais do ensino fundamental e principalmente na educação infantil exercendo as funções inerentes aos dois cargos e ocupando legalmente estes espaços majoritariamente ocupados pelas mulheres.

2.REFERÊNCIAS TEÓRICAS

2.1 A Educação Infantil em Belo Horizonte

Que espaço seria esse? Se pensarmos de uma maneira mais geral, considerando um século de prática e reflexão sobre esses espaços educativos no Brasil, podemos dizer que a educação infantil é o lugar de brincar, correr, pular, comer, aprender a andar, dormir, alegrar-se e ficar triste, desenhar, lidar com o mundo da natureza, com o mundo social e de se arriscar a ler e a escrever as primeiras palavras. É lugar também de aprender a interagir e a usar os instrumentos culturais básicos em nossa cultura, como talheres, os pratos, o lápis, o papel.(Maria Inês Mafra Goulart)

A Educação Infantil em Belo Horizonte assim como no Brasil, até o final da década de 1980 estava muito associada às creches comunitárias e às pré-escolas (em sua maioria, privadas). A expansão das creches no Brasil se dá em função da ação das mulheres da classe trabalhadora (mães) que necessitavam de alguém confiável e um espaço seguro para deixar a suas crianças de zero a seis anos de idade enquanto trabalhavam.

Essa modalidade estava intimamente relacionada com interesse de grupos específicos e atendia as demandas do mercado de trabalho e das mulheres mães trabalhadoras. Neste sentido, os cuidados com as crianças eram interligados as questões maternas ou se aproximavam das atividades desenvolvidas nas escolas do Ensino Fundamental. Quanto aos profissionais que atuavam nessas creches ou pré-escolas não havia exigências de formação, considerava-se apenas a formação em magistério(nível médio) ou muitas vezes as experiências e os desejos das pessoas em trabalhar com as crianças pequenas.

De acordo com Joaquim Ramos (2011) em sua dissertação de mestrado, dois fatores que contribuíram para fazer avançar as discussões em torno da educação infantil, “a mobilização dos movimentos sociais e o novo ordenamento jurídico: a Constituição Federal de 1988 (CF); o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN-9394/96)” (RAMOS, 2011, p.36).

Em Belo Horizonte, a Educação Infantil, como o atendimento das crianças de zero a seis anos ganharia maior visibilidade e significado na primeira metade dos anos 2000 com a construção das UMEIS, com a criação do cargo de educador infantil e com a abertura de dois concursos para o provimento desse cargo na rede municipal de ensino.

Buscando atender a legislação vigente e se adequando às novas exigências legais, a prefeitura de Belo Horizonte criou o cargo de Educador Infantil pela Lei nº 8.679/03. A Lei nº 7.235/96, que dispunha sobre o plano de carreira dos servidores da educação, passa a vigorar da seguinte forma:

1. Professor Municipal
Habilitação Mínima: curso de nível superior para o magistério, assegurados os direitos do servidor investido no cargo de Professor Municipal.
(...)
5. Educador Infantil
Habilitação Mínima: curso de nível médio na modalidade normal. (BELO HORIZONTE, Anexo II, Lei nº 7.235/96)

Esse concurso para o cargo de Educador Infantil exigia a conclusão do curso de magistério, nível médio, como pré-requisito. A PBH não poderia exigir formação menor, uma vez que LDBEN 9394/96 não permite. Portanto, esta condição do magistério foi um dos principais argumentos para diferenciação salarial existente entre os professores da Educação Infantil (que eram concursados como educadores infantis e os professores municipais que a partir de 2003 trabalhavam exclusivamente com o ensino fundamental).

Quando se analisa os documentos que regem a Educação Infantil, sejam os do município de BH ou da educação nacional como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), 1998; a Resolução CNE/CEB 5/2009, entre outros, não se verifica em nenhum deles a existência da preferência de que o profissional da Educação Infantil seja do sexo feminino ou masculino. Possuindo a formação e as exigências para o exercício da docência nesta etapa da educação básica ele encontra-se apto para o trabalho com as crianças pequenas.

2.2 A Coordenação Pedagógica na Rede Municipal de Belo Horizonte

Na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, a coordenação pedagógica constitui-se em uma função exercida por um (a) professor (a) inserido (a) no corpo docente do turno, da escola ou da EMEI na qual trabalha. Não se trata de um cargo com concurso próprio para seu preenchimento, os interessados a desenvolver esta função se candidatam e são escolhidos, eleitos por seus pares a cada início do ano letivo, mas prioriza-se ou se dá preferência para que permaneçam na função durante os três anos do mandato da gestão (direção e vice direção).

As atribuições da função da coordenação pedagógica estão definidas no Regimento Escolar que passou por uma revisão e uma série de alterações nos anos de 2008 a 2010 e no Projeto Político Pedagógico de cada escola ou EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Substituindo a fragmentação dos cargos de especialistas (orientadores e supervisores escolares) a prática da coordenação pedagógica vem ganhando espaço e passando a atuar em um contexto democrático, buscando articulação do trabalho coletivo, primando pela ação conjunta com os professores, objetivando principalmente o sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse aspecto Fernandes (2010), afirma que o coordenador pedagógico tem a seguintes atribuições nas unidades escolares:

[...] responsável pelas ações de articulação coletiva do projeto político pedagógico, pelo acompanhamento e orientação do trabalho docente, pela organização de reuniões pedagógicas e pelas atividades de formação continuada. No trabalho cotidiano, deve criar oportunidade para participação e discussão dos problemas concretos vividos pela escola, buscando coletivamente saídas para enfrentar os obstáculos presentes no processo ensino/aprendizagem (FERNANDES, 2010, p.1).

Considerando a coordenação pedagógica na Educação Infantil como fundamental no processo de articulação, formação e transformação, essa precisa conforme Filippini (1999, p.125) trabalhar de modo a “promover em si mesma e nos professores uma atitude de aprendendo a aprender” mostrando “recepção à mudança e uma discussão de pontos de vistas opostos”.

Merece destaque a explicitação de estudos de autores que tem se dedicado a definir o papel e a importância do coordenador pedagógico. Para Vasconcellos (2002) a coordenação pedagógica, portanto:

Envolve questões de currículo, construção do conhecimento, aprendizagem, relações interpessoais, ética, disciplina avaliação da aprendizagem, relacionamento com a comunidade, recursos didáticos, entre outros (p.85). O foco de sua atenção é o trabalho de formação tanto individual quanto coletivo, pois deve contribuir com aperfeiçoamento profissional de cada um dos professores e, ao mesmo tempo, ajudar constitui-los enquanto grupo (VASCONCELLOS, 2002. p.88).

Ampliando essa definição, Fernandes (2010, p. 01), nos apresenta algumas atribuições do coordenador pedagógico: [...] “responsável pelas ações de articulação coletiva do projeto político pedagógico, pelo acompanhamento e orientação do trabalho docente, pela organização de reuniões pedagógicas e pelas atividades de formações continuada”.

Já Quirino (2016), nos leva a refletir sobre alguns cuidados ao se desempenhar o papel de coordenado pedagógico na escola. Para ela, “por não terem a definição clara do seu papel e, mais ainda por não possuírem os saberes constituintes e constitutivos da docência, passam a exercer atividades que não deveriam fazer parte da sua atuação nas escolas” (p.34).

É perceptível que seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental a função da coordenação pedagógica pode se tornar um espaço de disputa de poder e status dentro da escola, já que o (a) professor (a) que desempenha tal papel é na maioria das vezes considerado como “puxa saco” da direção da escola, dedo duro, espião; e dependendo do perfil das suas características pessoais, se for mais autoritário (a), aliás nesse sentido, as pessoas tendem a confundir autoridade com autoritarismos o que pode transformar o cotidiano escolar em um campo de batalha das relações interpessoais, isso tudo ainda pode vir associado com a não compreensão da real importância do estabelecimento de parceria entre a coordenação e sua equipe de trabalho para o desenvolvimento positivo do processo pedagógico.

Entretanto, a própria função da coordenação apresenta variações de uma escola para outra dependendo do quantitativo de profissionais docentes, em uma mesma escola, já foram destinados três profissionais para tal função no mesmo turno, o que necessita de exemplificação: sendo um (a) professor (a) coordenador (a) pedagógico (a)², outro (a) de turno ³e ainda uma terceira pessoa de apoio⁴; e já no caso específico das UMEIS, antes da Lei Municipal nº 11.132 de 2018 que trata da emancipação destas instituições de ensino a coordenação pedagógica possuía um caráter mais amplo desempenhado para além das questões pedagógicas também o papel administrativo, sendo um terceiro vice-diretor (a) da unidade com vínculo na escola sede.

2.3 O Professor Homem na Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte

Em sua dissertação de mestrado, Ramos (2011), realizou um levantamento da presença de homens atuando na docência da Educação Infantil. Segundo ele, em meados dos anos de 2010 a 2011, na RME-BH existiam:

1837 educadores infantis ingressaram nas instituições públicas municipais de educação infantil de Belo Horizonte, através dos dois concursos públicos realizados nos anos 2003 e 2008. Dentre eles, 14 educadores do sexo masculino: dez

² Coordenador Pedagógico geral: Responsável pelas questões pedagógicas da escola.

³ Coordenador de Turno: Responsável pelas questões disciplinares, tais como resoluções de conflitos entre estudantes, horários de entrada, recreio e saída da escola.

⁴ Coordenador de Apoio: Responsável pela substituição nas ausências dos colegas professores.

professores foram lotados nas UMEIS, três em escolas municipais que atendem turma de educação infantil e apenas um em escola de educação infantil (RAMOS, 2011, p.56).

Diante do contexto, sabe-se que a Educação Infantil é predominantemente um espaço feminino, ou seja, o número de professoras é extremamente significativo enquanto o número de homens atuando como professores na primeira etapa da Educação Básica é bastante reduzido. Considerando os aspectos históricos, políticos e do próprio processo pedagógico, o professor homem não tem lugar de destaque na Educação Infantil; associasse também os fatores do âmbito social e cultural.

Para explicitar melhor tais informações foi necessário fazer um levantamento de dados junto a GDP (Gerência de Desenvolvimento Profissional) e de acordo com relatório do SGE (Sistema de Gestão Escolar), na RME-BH (Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte) temos 5.632 professores (as) da Educação Infantil, sendo 5.576 lotados (as) em sala de aula e 56 na DIRE (Diretoria Regional de Educação⁵) ou na SMED-BH. Deste total 25 professores são do sexo masculino, sendo 2 lotados em DIRE, 1 na DIRE Nordeste, 1 na DIRE Norte, 1 lotado em uma escola de Ensino Fundamental e por último 22 professores homens lotados em 22 EMEIs distribuídos em 8 regionais da cidade de Belo Horizonte. Os dados descritos podem ser comprovados na tabela a seguir intitulada Relação de Professores da Educação Infantil – Somente sexo masculino, fonte: SGE, 29.10.2019.

⁵ Regional: Termo utilizado na divisão do município de Belo Horizonte. A cidade possui 9 regionais, sendo elas Regional Venda Nova, Pampulha, Norte, Noroeste, Nordeste, Leste, Oeste, Centro-Sul e Barreiro. Para facilitar a administração e o planejamento das políticas públicas.

Cargo Efetivo	Lotação	Regional	Data de Admissão
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal Arthur Guimarães	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NOROESTE	11/09/2015
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Águas Claras	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - BARREIRO	26/01/2015
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Alessandra Salum Cadar	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - VENDA NOVA	27/01/2005
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Baleia	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - LESTE	22/02/2005
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Braúnas	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - PAMPULHA	27/07/2012
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Cardoso	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - BARREIRO	20/08/2004
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Jaqueline	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORTE	28/06/2005
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Luxemburgo	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - CENTRO-SUL	03/06/2013
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Navegantes	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - VENDA NOVA	17/09/2010
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Navegantes	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - VENDA NOVA	01/10/2014
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Pacajá	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORDESTE	07/10/2016
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Padre Tarcísio	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - CENTRO-SUL	08/10/2004
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Padre Tarcísio	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - CENTRO-SUL	28/11/2017
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Parque Real	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORDESTE	18/08/2015
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Paulo VI	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORDESTE	29/07/2015
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Pilar Olhos D'Água	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - BARREIRO	11/10/2016
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Santa Amélia	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - PAMPULHA	11/09/2012

INFANTIL			
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Santa Branca	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - PAMPULHA	27/06/2008
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil São Bernardo	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORTE	21/07/2014
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Sol Nascente	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - BARREIRO	25/06/2012
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Urca Confisco	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - PAMPULHA	27/02/2014
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Vila Clóris	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORTE	07/11/2014
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	Escola Municipal de Educação Infantil Vila Leonina	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - OESTE	25/06/2009
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	DIRE	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORDESTE	04/12/2014
PROFESSOR EDUCAÇÃO INFANTIL	DIRE	DIRETORIA REGIONAL DE EDUCACAO - NORTE	09/03/2015
Fonte: SGE, 29/10/2019			

É notório que houve alteração de 2011 até 2019 com aumento de 11 professores homens, passando de 14 para 25 na atualidade; esse número representa aproximadamente 0,44% do total de professores na Educação Infantil da rede municipal de educação de Belo Horizonte. Perante a situação anterior a pesquisa foi desenvolvida com o professor do sexo masculino que atua na EMEI Bem-Te-Vi ⁶de Belo Horizonte buscando o conhecimento da sua trajetória de inserção e permanência na docência nesta etapa do ensino haja vista que majoritariamente este é um espaço ocupado pelo o gênero feminino. Como Monteiro e Altmann observam:

A docência dedicada à infância é uma área profissional que ilustra a segmentação decorrente da perspectiva de divisão sexual do trabalho, com o trabalho das mulheres associado à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera produtiva. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo desta forma, naturalizada como área de atuação feminina. (MONTEIRO e ALTMANN, 2014, p.723).

Foram investigados os entraves, os desafios, os olhares de estranhamento, preconceito e desconfiança vivenciados pelo professor do sexo masculino principalmente na atuação com as crianças menores, do berçário. E a relação da coordenação pedagógica com este docente no intuito de contribuir para a sua aceitação e afirmação enquanto profissional.

Ainda no que tange a rejeição ou inadequação de um homem professor de crianças pequenas Silva, (2014) se contrapõe afirmando que:

O professor/a professora de educação infantil não é um cuidador ou cuidadora, nem babá, como alguns pais se referem ainda. Ele/ ela é alguém que exerce uma profissão recebeu formação para isso. Foi aprovado num concurso publico ou passou por uma entrevista que o habilita a exercer uma função: a função de ensinar na primeira infância. Referimo-nos, portanto, a uma pessoa que trabalha. Está envolvida em práticas de ensino e aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano (SILVA, 2014, p.40).

Observando as legislações pertinentes sejam do cargo de professor ou educador da Educação Infantil e as atribuições do mesmo não é constatada nenhuma predileção referente ao gênero masculino ou feminino para a ocupação do cargo junto a RME- BH e para a

⁶ EMEI Bem-Te-Vi: Nome fictício escolhido por questões éticas e pela percepção de uma variada quantidade de pássaros que circulam nas redondezas da escola.

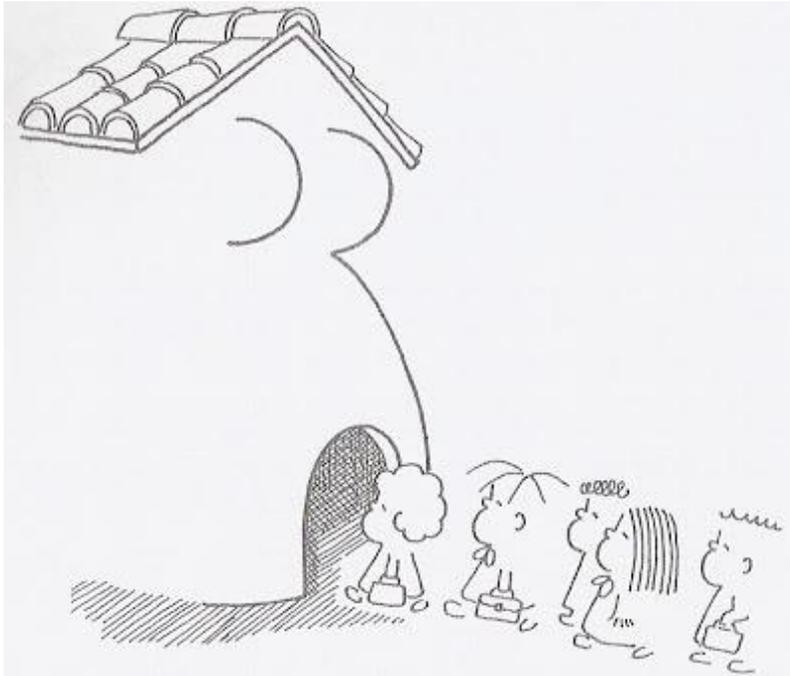
consequente atuação com as crianças pequenas de 0 a 5 anos de idade. Sendo assim, o aspirante ao cargo que tendo passado no concurso e que possua os pré-requisitos necessários para o trabalho; não serão simplesmente as diferenças do gênero masculino ou feminino que irão ditar se o profissional está apto ou inapto para desempenhar as funções deste cargo.

Nesse sentido, o professor homem na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte constituindo-se como minoria como já vimos em um capítulo anterior onde consta a tabela fornecida pelo GDP e SGE, enfrenta desafios e dificuldades que circulam muito mais no senso comum, no imaginário das pessoas, em suas opiniões, seus preconceitos, suas pré-concepções originárias culturalmente, socialmente, e historicamente; e que se associam a uma visão reducionista de que esta etapa do ensino é uma extensão dos cuidados maternos oferecidos no âmbito familiar e que portanto, é a figura da mulher a mais indicada a ser a professora das crianças pequenas.

Não houve nenhuma constatação de estudos científicos que apontem na direção da exclusão da figura do sexo masculino, do professor homem da Educação Infantil seja por incapacidade em lidar com as crianças pequenas, aliás o estudo aqui desenvolvido corroborou positivamente para a relevância da participação do professor como algo benéfico e facilitador ao convívio das crianças desde pequeninas com as diferenças, constituindo-se a escola como um ambiente favorável a uma gama de possibilidades de desenvolvimento de novas e outras experiências com o diferente, com o que sai comumente dos padrões e das convenções.

Ainda sobre o aspecto do cuidado na Educação Infantil, o pesquisador ao revisitar às memórias se recordou que a Empresa responsável pelo primeiro concurso no ano de 2003 para o provimento do cargo de Educador Infantil da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte em parceria com a PBH utilizou a imagem seguinte.

Figura 1: Imagem da redação do primeiro concurso para Educador Infantil - 2003



Fonte: <https://images.app.goo.gl/ytY4pria1bgBDcNz9>

Essa gravura do psicopedagogo italiano Francesco Tonucci foi usada como um dos recursos estimuladores para a escrita da redação integrante da prova de seleção. Tal texto dissertativo deveria estabelecer um paralelo entre a gravura e os aspectos do cuidar, do educar e do brincar como princípios fundantes e integradores da Educação Infantil.

Partindo de uma visão inicial, de uma análise superficial e descontextualizada da imagem é provável considerar de maneira errônea que os cuidados na Educação Infantil estão somente e unicamente ligados com os cuidados dispensados pela mãe no ambiente do lar, aqui na gravura a escola assumindo a forma da mãe/ da mulher / da professora, de forma ingênua e despreziosa fazendo uma alusão ao gênero feminino e as suas características, então a escola seria a extensão do lar e a professora a projeção da mãe, isso a partir de uma visão imediatista.

Mas para além dessa concepção reducionista e rasa, o próprio autor Francesco Tonucci (Frato- pseudônimo pelo qual gosta de ser chamado) que tem um apreço muito grande pelas crianças, propõe uma reflexão mais aprofundada e intensa das relações das crianças com os adultos, essencialmente nas interações sociais escolares desenvolvidas na Educação Infantil. Em seus estudos e livros, principalmente no livro “Com Olhos de Criança” conduz a reflexão a outros patamares enfatizando a importância do olhar, da escuta, da observação atenta e criteriosa; expressando a ideia de que é necessário que o(a) professor(a) e

nesse caso específico dos professores que atuam com as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos na Educação Infantil, tenham uma sensibilidade especial, considerando as características e particularidades dessas crianças pequenas.

Diante de tal constatação também é importante ressaltar que o professor do sexo masculino atuante na Educação Infantil da RME- BH necessita aprimorar constantemente os seus sentidos ao lidar com as crianças dessa faixa etária, lembrando-se que a escuta, a observação pelo olhar atento, a estimulação visual, oral e auditiva, a dança, o movimento, o caminhar, o dormir, o falar, as questões de higiene corporal, os cuidados com o próprio corpo, o alimentar-se são fundamentais para o pleno desenvolvimento das crianças, uma vez que seus próprios sentidos ainda estão em processo de desenvolvimento. Sendo assim, é preciso que o professor na Educação Infantil quando do ato de planejar, realizar e avaliar o seu trabalho, focado no desenvolvimento das crianças, colocando-as na centralidade do processo de ensino e aprendizagem; sempre considere as atividades chamadas de socializadoras e as atividades pedagógicas levando em conta suas intencionalidades e o próprio tempo de cada um(a) dos(as) envolvidos(as) e participantes do cotidiano da escola.

E por último, o professor que atua na Educação Infantil em uma EMEI da RME- BH deve assumir um papel fundamental na investigação dos processos de significação das crianças e no planejamento de atividades promotoras de desenvolvimento, sendo o mediador entre as crianças, seu entorno e os elementos da cultura.

3. METODOLOGIA

3.1 Dos Instrumentos Metodológicos

A pesquisa foi organizada buscando compreender os modos como a coordenação pedagógica pode contribuir para inserção e permanência do professor homem na educação infantil da EMEI Bem-te-vi de Belo Horizonte a partir da abordagem qualitativa dos dados coletados. A escolha por esse tipo de abordagem deveu-se ao fato de que “a pesquisa da natureza qualitativa tem um ambiente natural como a sua fonte direta de dados e com o seu principal instrumento” (LUDKE e ANDRE, 1986, p.11).

Outro aspecto que fundamentou essa opção pela qualidade e não pela quantidade residiu no fato de que há pouca presença masculina na educação infantil na rede municipal de BH. Ou seja, o número de professores homens na educação infantil é reduzido. Também nesse sentido foi importante considerar como afirmam (EITERER e MEDEIROS, 1996, p.11) que “a pesquisa de caráter qualitativo é, especificamente, interpretativa e por isso, preocupa-se mais em conhecer o objeto do que em testar hipóteses”.

Para tanto o plano de ação referente ao desenvolvimento da pesquisa foi estruturado nas seguintes fases: 1) na elaboração das questões para as entrevistas; 2) na localização e no contato com o professor que atuasse em uma EMEI da rede municipal de BH; 3) na realização das entrevistas e; 4) posteriormente na análise dos dados e informações coletadas.

A decisão de escolher a entrevista e a roda de conversa e não o questionário se fez porque estes primeiros recursos trouxeram respostas fidedignas e um caráter mais imparcial entre o pesquisador e os pesquisados sobre o objeto da pesquisa uma vez que os questionários poderiam levar a indução de respostas ou a sua não conclusão.

Na segunda metade do mês de abril de 2019, ao entrar em contato com um professor que atua na educação infantil⁷ que se mostrou solícito em atender, porém pediu um tempo porque estava passando por problemas de saúde. Então na turma do curso, uma estudante e colega fez a indicação e forneceu o contato. Ao ligar para este outro professor, ele mostrou-se interessado e logo passou o contato da diretora para autorizar a realização desta pesquisa na EMEI. Diante da autorização foram agendadas três visitas à EMEI Bem-te-vi durante o mês de maio de 2019. Essas visitas foram realizadas nas manhãs das sextas-feiras

⁷ Importante destacar que este professor foi indicado pelo professor orientador do LASEB.

dos dias 10, 17 e 24 conforme combinado com o professor, por ser o melhor horário para recepção do pesquisador.

No primeiro dia, 10 de maio, os funcionários da EMEI mostraram-se bastante receptivos e atenciosos. Foi realizada a entrevista com a diretora e o professor da instituição, houve uma apresentação de teatro para todas as crianças no pátio em frente ao refeitório e o professor era um dos atores e me convidou para assistir à peça. Tal peça encenava sobre o livro: “Menina Bonita do Laço de Fita”, da escritora Ana Maria Machado, que trata da questão da diversidade étnico racial.

Na segunda sexta-feira, no dia 17, foi realizada a entrevista com a coordenadora e a professora que divide a turma com o professor.

Já na sexta-feira, dia 24 foi realizada uma roda de conversa entre o professor e a coordenadora, essa atividade foi desenvolvida buscando compreender a relação entre estes dois atores presentes no contexto da escola. O grupo de discussão segundo Meinerz

[...] consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes. A entrevista aberta e o grupo de discussão apontam para algo muito precioso oferecido por esse tipo de prática investigativa, que é a possibilidade da escuta. Acredito que a postura política, afetiva e ética do pesquisador, assim como do educador (MEINERZ, 2011, p.486).

Durante análise dos dados e das informações o pesquisador promoveu um distanciamento do seu objeto de pesquisa com intuito de evitar as influências das suas próprias experiências e vivências na docência enquanto professor homem e procurou permanecer imparcial para que não houvesse impactos das suas próprias percepções nas relações com os sujeitos investigados. Um aspecto que favoreceu tal situação refere-se ao próprio caráter de estudo de caso da pesquisa, uma vez que a instituição pesquisada não se trata da instituição de trabalho do pesquisador.

3.2 Caracterização da EMEI Bem-Te-Vi e dos Entrevistados(as)

A EMEI Bem-Te-Vi está situada à Rua Das Gaivotas, 838, no Bairro: Vila Clóris, Belo Horizonte, Minas Gerais. Inaugurada no dia 23 de outubro de 2013. É organizada nas diretrizes referenciais que regem a educação infantil, atualmente a escola atende cerca de 244 crianças de 0 a 5 anos.

O prédio da escola tem dois andares, com acessibilidade garantida por um elevador. São doze das treze salas utilizadas como salas de aula. A coordenação não possui sala própria utiliza a sala da direção, possui também uma cozinha, refeitório, área de serviço, dispensa, sanitários depósitos, secretaria, sala da direção, sala dos professores (com apenas um banheiro), sala de multiuso e estacionamento.

Figura 2 - EMEI Bem-Te-Vi



Fonte: arquivos do pesquisador.

Atualmente, a subdivisão das salas é realizada da seguinte forma: 1) Berçário atende crianças de 0 a 1 ano e é dividido em sala de atividades, fraldário, sala do sono e um solário. A sala tem capacidade para atender a 12 crianças, com razão de um professor para no máximo 7 crianças. A EMEI possui 7 professores para atuar com essa faixa etária e 1 auxiliar de apoio a Educação Infantil, que tem como função auxiliar o professor com as crianças, realizando trocas, dando os banhos e realizando todas as atividades inerentes ao aspecto do cuidado. 2) Crianças de 1 a 2 anos, a sala tem capacidade para atender 12 crianças, com razão de 1 professor para no máximo 14 crianças. A EMEI possui 5 professores que atuam com essa faixa etária e um auxiliar de apoio a Educação Infantil, que tem como função auxiliar o professor com as crianças, realizando trocas, dando os banhos e realizando todas as atividades inerentes ao aspecto do cuidado. 3) Crianças de 2 a 3 anos, a sala tem capacidade para atender 16 crianças, com razão de um professor para o máximo de 18 crianças. A EMEI possui 5 professores que atuam com essa faixa etária e um auxiliar de apoio a Educação Infantil, que tem como função auxiliar o professor com as crianças, realizando trocas, dando os banhos e

realizando todas as atividades inerentes ao aspecto do cuidado. 4) Crianças de 3 anos, a sala tem capacidade para atender 20 crianças, com razão de 1 professor para o máximo de 22 crianças. A EMEI possui 2 professores que atuam com essa faixa etária. 5) Crianças de 4 anos, a sala tem capacidade para atender 20 crianças com razão de 1 professor para o máximo de 22 crianças. A EMEI possui 2 professores que atuam com essa faixa etária. 6) Crianças de 5 anos, a sala tem capacidade para atender 25 crianças, com razão para o máximo de 27 crianças. A EMEI possui 2 professores que atuam com essa faixa etária.

Figura3 - Sala de Aula da EMEI Bem-Te-Vi



Fonte: arquivos do pesquisador.

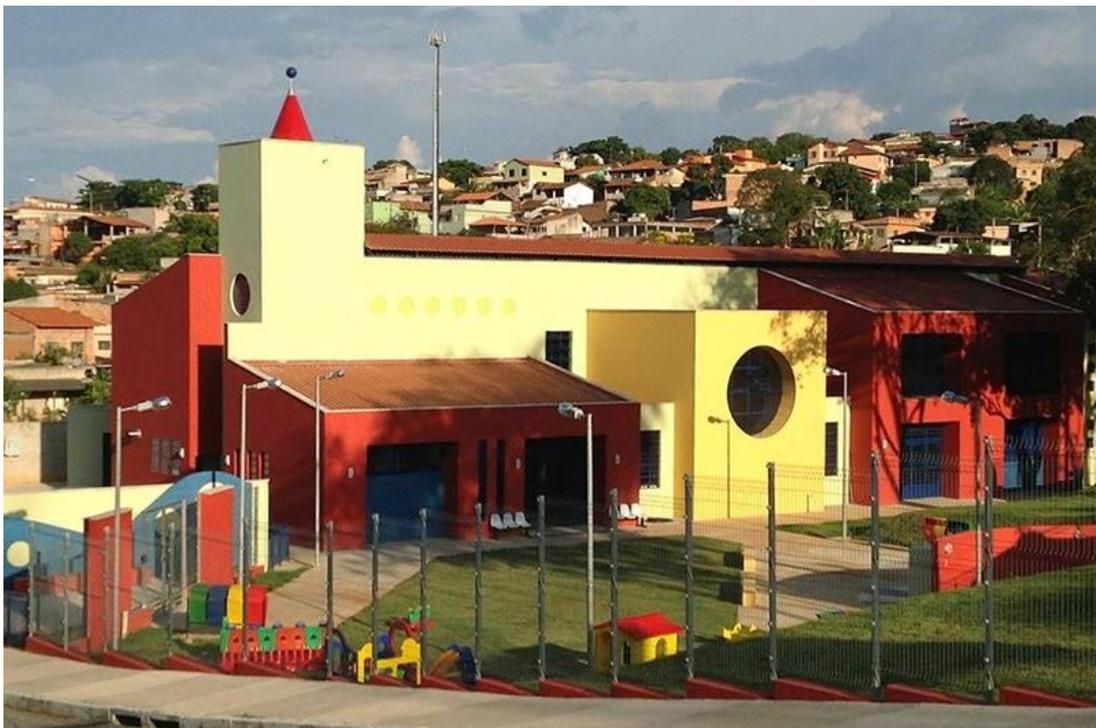
A EMEI atualmente possui 38 professores, 1 coordenadora, 2 auxiliares de secretaria, 1 gestor administrativo, 1 vice-diretor, 5 auxiliares de faxina, 4 cantineiras, 2 porteiros, 3 auxiliares de apoio a educação infantil e 4 auxiliares de apoio a inclusão.

Na educação infantil, o tempo e o espaço são organizados considerando as atividades rotineiras das crianças como: estudar, dormir, se alimentar, descansar e brincar. Dessa forma as atividades realizadas com as crianças podem ser agrupadas em duas grandes modalidades: as atividades de socialização, nos momentos da entrada, saída, refeição e sono; e as atividades pedagógicas, sendo essas os momentos de pintura, desenho, contação de histórias, musicalização, danças, registros e brincadeiras.

De acordo com as normas preestabelecidas pela SMED-BH a criança tem a possibilidade de permanecer na escola em tempo integral ou em meio período. As turmas do berçário de 0 a 1 ano, as crianças de 1 a 2 anos e as crianças de 2 a 3 anos são atendidas em horário integral, mas as famílias têm a opção de escolher o horário parcial. Já as turmas de 3, 4 e 5 anos são formadas de acordo com fluxo de crianças no ano corrente e são atendidas apenas em horário parcial. Havendo demanda a escola pode solicitar abertura de turmas de 2 a 3 anos para o período parcial.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não foi observada nenhuma menção a temática das relações de gênero tanto na formação do corpo docente quanto aos demais profissionais da escola e ainda no desenvolvimento do processo educacional com as crianças pela EMEI atendidas.

Figura 1 - EMEI Bem-Te-Vi



Fonte: arquivos do pesquisador.

Agora será feita a caracterização dos participantes das entrevistas ⁸da pesquisa na EMEI Bem-Te-Vi.

⁸Participantes das Entrevistas: Por questões éticas e para a preservação das identidades todos os nomes dos entrevistados da EMEI foram alterados.

A diretora Luciana, com 40 anos de idade, sexo feminino, possui formação em pedagogia, concluindo o curso em 2001, com o tempo aproximado entre 10 e 12 anos de atuação no magistério, sendo 10 anos de trabalho na Educação Infantil e 6 nesta EMEI.

A professora Elizângela, com 36 anos de idade, do sexo feminino, formação em magistério e pedagogia (curso concluído em 2003), 10 anos de trabalho no magistério, atuando na Educação Infantil a 10 anos e 4 anos de trabalho nesta EMEI.

Alessandra, a coordenadora pedagógica, com 42 anos de idade, do sexo feminino, formada em pedagogia no ano de 2002, com 16 anos de trabalho no magistério, sendo 10 anos na Educação Infantil e 6 nesta EMEI.

O professor Rodrigo, com 32 anos de idade do sexo masculino, formado em pedagogia e cursando pós-graduação em Arte-Educação na UFMG. Formou-se em 2010, atua no magistério a 9 anos, chegou no início do ano de 2019 na EMEI Bem-Te-Vi.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas com a diretora, a coordenadora, a professora, o professor; e posteriormente com o desenvolvimento da roda de conversa promovida entre o professor e a coordenadora que atuam na EMEI Bem-Te-Vi, ocorreu a etapa da transcrição e análise dos dados. Durante esta transcrição e análise, foi possível analisar os dados e informações coletadas – exercício que possibilitou construção de três categorias de análise que evidenciam as formas como a coordenação pedagógica pode contribuir para a inserção e permanência de professores homens na docência da Educação Infantil.

4.1 As Dificuldades Vivenciadas Pelo Professor do Sexo Masculino no Processo de Inserção e Permanência na Educação Infantil da EMEI Bem-Te-Vi

A direção da escola percebe que o professor homem que atua na Educação Infantil vivencia dificuldades em seu processo de inserção e permanência no âmbito da atuação profissional. Dentre as diferentes dificuldades por ele vividas, encontram-se: a resistência da comunidade, que é muitas vezes orientada por uma visão deturpada sobre o feminino (ou a mulher) como o sujeito mais indicado para os cuidados e a educação das crianças pequenas, inclusive, as práticas de cuidado e higiene pessoal. Durante a entrevista na EMEI Bem-Te-Vi com a diretora Luciana, a mesma fala sobre os problemas e desafios pelo professor homem na Educação Infantil:

“há uma resistência da comunidade, da sociedade em relação à presença do profissional do sexo feminino na Educação Infantil, isso devido a uma visão deturpada de que esse é um espaço unicamente da mulher, cabendo a ela então as tarefas do cuidado e higiene pessoal com as crianças pequenas. Nesse caso, aqui na EMEI o professor Rodrigo não realiza troca de fraldas, não leva ao banheiro e nem dá banho nas crianças, somente em situações de extremas necessidades”.

Ao considerarmos que a base da Educação Infantil deve focar-se no cuidar e no educar das crianças, sendo assim a resistência da comunidade com o professor homem cuidando de crianças pequenas nesta modalidade de ensino situa-se na cultura e opinião das pessoas de que cabe às professoras mulheres o cuidado infantil.

Para os adultos integrantes da comunidade escolar, no seu imaginário e pensamento o cuidado da Educação Infantil está vinculado ao cuidado materno, por isso

intimamente ligado à mãe e, portanto, ficando claro que a mulher, professora que deve desenvolvê-lo. Neste sentido Sayão (2005) afirma:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com cuidados corporais de meninos e meninas. Dado que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p.16).

Outras situações dificultadoras da atuação do professor homem na Educação Infantil conforme nos aponta a fala da professora Elizângela que trabalha na EMEI Bem-Te-Vi juntamente com o professor Rodrigo: *“Eu percebo uma resistência por parte da comunidade escolar na aceitação do meu colega professor, principalmente dos pais que se preocupam com os filhos, as suas crianças, por questões de preconceito mesmo”*. Ela ainda completa: *“Existe um preconceito quanto ao homem trabalhar com as crianças muito pequenas, mas ninguém fala sobre esse assunto e ainda percebo que as pessoas ficam receosas de trabalhar nessa área com medo de não serem aceitas. Inclusive sinto o receio no meu colega de trabalho”*.

Notadamente, é perceptível na fala da professora que a resistência da comunidade escolar consiste no preconceito quanto ao trabalho do seu colega e isso ocorre porque, de modo geral, a nossa sociedade formada sob os princípios machistas e organizada de forma patriarcal é tendenciosa em olhar com resistência e preconceito para aquilo que foge aos padrões dominantes ou que se apresenta diferentemente do comum ou habitual. Quando fala de preconceito, sua afirmação localiza-se justamente nas concepções, definições ou julgamentos que se fazem antes de conhecer de fato as situações ou as pessoas nelas inseridas.

Neste contexto, vale lembrar que mesmo considerando as mudanças que ocorreram nas condições do homem e da mulher nos últimos 50 anos, ainda há na nossa sociedade papéis definidos do lugar do homem e da mulher e, portanto, na Educação Infantil, no cotidiano escolar existe o reflexo de todas as condições sociais, políticas, econômicas e culturais.

Partindo das imagens que se formaram ou foram preconcebidas das atribuições da mulher e do homem, no caso singular da professora e do professor, nota-se uma complexidade e dificuldade para o professor homem trabalhar na Educação Infantil, especificamente com as crianças menores, de 0 a 2 anos, ocupando esse espaço, o que nos afirma Silva (2014):

A escola da educação infantil, seus professores e todos os envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino, é espaço para se refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade: um fracassado trabalhador da indústria ou do comércio que tenta a sorte num trabalho mais “leve” de olhar crianças (SILVA, 2014, p.49).

Essa desconstrução de tais concepções que perpassam no imaginário do cotidiano escolar e que tangenciam a atuação do professor homem na educação infantil precisa ser abordada continuamente inclusive como temática nas formações em serviço promovidas pelas escolas, pela SMED-BH e pela RME-BH.

Nesse sentido surgem outras dificuldades e desafios apontados pelo professor Rodrigo durante a entrevista. Para o professor: *“Quando se é homem professor na Educação Infantil, único na EMEI Bem-Te-Vi, trabalhando no berçário com crianças de 0 a 1 ano é necessário quebrar paradigmas todos os dias, ou seja, romper com a lógica comum de que esse espaço é um lugar da mulher, da professora”*. Ainda complementa: *“Fazer-se entender presença é muito difícil quando você é o único homem em um ambiente cuja maioria é de mulheres, você é visto como um “ET”, como um corpo estranho na multidão”*.

Já para coordenadora pedagógica da EMEI Bem-Te-Vi, Alessandra a dificuldade do seu colega Rodrigo, do professor homem atuando na Educação Infantil reside na relação do professor com as atribuições do cargo, principalmente com aquelas que se referem aos cuidados das crianças pequenas, do berçário, com a turma específica com a qual ele trabalha. A coordenadora relata: *“A diretora Luciana e eu conversamos e apresentamos a sugestão ao professor Rodrigo que não fizesse as trocas ou desse banho nas crianças para evitar situações desagradáveis ou desnecessárias, isso como um conselho, uma sugestão mesmo; o que ele aceitou e achou até positivo”*.

É possível constatar que as práticas de cuidado se configuram como fator de tensão no processo de inserção e permanência na docência masculina na Educação Infantil. Nesse aspecto Sayão (2005, p.154) aponta que:

[...] uma das grandes dificuldades na compreensão do cuidado na Educação Infantil é a sua vinculação restrita ao corpo, não levando em consideração as intenções, os sentimentos e os significados que estão amplamente correlacionados com o cuidar. Essa visão reducionista de cuidado não pode mais ser concebida [...].

Diante dessa visão reducionista sobre o cuidado na Educação Infantil levantada pela autora vale salientar dois fatos ocorridos durante o desenvolvimento do trabalho aqui

apresentado. Primeiramente, em meados do mês de outubro do corrente ano, um professor/estagiário de educação física é acusado pelas famílias de estudantes do Colégio Magnum em Belo Horizonte de ter cometido pedofilia, abuso sexual de crianças pequenas que estudam nesta instituição privada de ensino da capital mineira. E o segundo refere-se ao Projeto de Lei nº 1174 de 2019, protocolado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo que confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil. A deputada autora do referido projeto chega a afirmar: “*Sei que é polêmico, mas entendi necessário garantir a tranquilidade das mães que me pediram ajuda*”.

Entretanto, há uma exaltação da vinculação do cuidado na Educação Infantil com apenas os aspectos corporais das crianças, desconsiderando-se os outros aspectos nele envolvidos o que reforça os tensionamentos e a suspeitas sobre o professor homem. Em Silva (2014) isso é confirmado:

Assim que a figura feminina moldada à mãe, ao carinho, ao afeto vai se firmando no espaço escolar da primeira infância, aponto de quando do aparecimento de um homem, o fato de causar espanto, causar adversidade dos pares, quase sempre acusando na consciência de senso comum das pessoas como um suspeito pedófilo ou um homem que não gosta de mulheres (SILVA, 2014, p.47).

De acordo com o professor Rodrigo outra dificuldade enfrentada por ele é a questão da ocupação do espaço físico, em particular no que tange a utilização dos banheiros. Ele relata durante a entrevista: “*Tive muitos problemas, aqui na EMEI Bem-Te-Vi não, sou novinho na escola estou tranquilo, mas na minha antiga escola tive problemas com a questão do uso do banheiro, principalmente nas UMEIs agora EMEIs cujo espaço físico das sala dos professores possui apenas um banheiro, essas construções são padronizadas. As professoras logo questionavam você não vai usar o banheiro? Eu dizia: O banheiro é da sala dos professores, dos professores! Elas ainda insistiam: Você vai mijar sentado? Elas achavam que sendo um banheiro único, este era feminino. Claro que não! Ai a discussão foi levada para coordenação e direção da escola. Também já fui em três palestras que como a maioria dos presentes era de mulheres, elas usavam o banheiro masculino e quando fui utilizá-lo, nem usei o mictório, usei a cabine com a porta fechada. Quando sai, houve o maior alvoroço, uma mulher começou a gritar: “Chama os seguranças, que absurdo”. Como se eu fosse um estuprador, sendo que eu estava no meu banheiro e em um encontro que também era para mim. Eu falei: Uai não estou entendendo por que estou usando o banheiro masculino e é você que está no espaço inadequado. Uma delas respondeu assim:” Quem manda você ser*

professor em um espaço que é feminino”. Dai eu questionei: Quem manda? A escolha é minha! Sai e não respondi mais nada, porque de repente poderia vir um segurança e eu teria que me explicar. Foi algo que me assustou. Ainda teve um Simpósio da PBH em uma Faculdade no bairro Lagoinha falando sobre as diferenças, onde não havia banheiro masculino no andar no prédio onde ocorria o evento, ou melhor o banheiro masculino foi tomado como feminino e usado pelas mulheres. Ao final quando abriram para o debate, fiz a crítica sobre esta questão. Quase fui trucidado, pois se eu quisesse usar o banheiro teria que procurar em outros andares. São fatos assim, dessa natureza que se tornam desafios e que tomam grandes proporções”.

Nota-se descaso e falta de atenção das instituições e da PBH enquanto organizadoras dos eventos com os professores homens que atuam na Educação Infantil, independentemente da quantidade dos profissionais do sexo masculino, aliás mesmo este número ainda não sendo tão expressivo isso não significa que estes não mereçam receber os devidos cuidados e atenção que devem ser dispensados a todos profissionais sejam do sexo masculino ou feminino.

Outro desafio enfrentado pelo professor Rodrigo trata-se dos comunicados feitos às famílias e ou comunidade escolar, como bilhetes, convocações e informes. O professor relata que: *“Aqui na EMEI mesmo, como sou novato, comecei este ano, os informes são enviados: Queridas professoras ou para os pais e professoras, as professoras do berçário comunicam; e eu já falei mesmo assim as pessoas responsáveis pela digitação e impressão até brincam que estão se acostumando comigo na escola e na educação. Quando você tem mais de um homem a regra é utilizar o masculino, no caso professores, mas aqui ainda tem a discussão de como elas, as mulheres, professoras são a maioria na Educação Infantil e comumente aqui na EMEI, elas querem ser chamadas de professoras; mas eu não sou professora, então eu peço que coloquem assim nos comunicados: “Professoras e professor”.*

Claramente verifica-se que o professor Rodrigo demonstra um sentimento de exclusão e que como integrante da equipe não é possível que fique fora do registro nos variados comunicados dos quais a EMEI faz a utilização no seu cotidiano.

Enquanto pedagogo atuando na Educação Infantil na Rede Municipal de Contagem há aproximadamente 8 anos e com um colega professor homem a uns 4 anos sempre tomo o cuidado de registrar os comunicados, os informes, realizar as formações continuadas em serviço falando e registrando no masculino e feminino, dirigindo-me as professoras e professores, dando visibilidade e participação de todos os atores envolvidos no processo educacional. Também já vivenciei situações de exclusão, questionamento, dúvidas,

estranhamentos e resistências no sentido de ser o diferente, o fora dos padrões estabelecidos pela normalidade.

E a última mas não menos importante dificuldade abordada pelo professor Rodrigo durante a entrevista refere-se a questão financeira. Quando ele aponta: *“Eu vejo a questão financeira como uma dificuldade, por mais que tenha ocorrido em muitas famílias uma inversão de papéis, tornando-se a mulher a mantenedora de muitos lares. Ainda se considera o homem como o provedor da casa, que recebe maior salário para custear as questões financeiras da casa, da família como um todo, mas aí como é possível com o baixo salário de professor na Educação Infantil que por sua vez não é igualitário com o Ensino Fundamental ou com o Ensino Médio. E isso acaba fazendo com que o homem não fique na Educação Infantil, não ocupe este espaço porque ele precisa sustentar a família e o baixo salário acaba não trazendo retorno financeiro; o que por sua vez desmotiva a entrada e a permanência do homem na docência na Educação Infantil”*.

As discrepâncias existentes entre os valores salariais dos professores que atuam nos níveis de ensino são muito expressivas, recebendo menores salários os profissionais da Educação Infantil, o que vem associado com as diferenciações das exigências para atuação nas modalidades de ensino.

Portando, tal diferença salarial implica em uma desqualificação de quem exerce tarefas educativas às crianças pequenas o que Fernandez (1994) nos apresenta:

[...] ao considerar o ‘cuidado’ das crianças e sua educação como inerentes à ‘natureza’ feminina, o trabalho docente passa por um esvaziamento. Tal situação o transforma em uma atividade não mediatizada, não criativa, não rentável, não produtiva e até invisível, como uma extensão do trabalho doméstico. (FERNANDEZ,1994, p.110).

Todas a situações descritas pelo professor Rodrigo e por suas colegas de trabalho, a diretora, a professora e a coordenadora pedagógica da EMEI Bem-Te-Vi retratam os principais desafios e dificuldades vivenciados pelo profissional do sexo masculino, tais como: a relação com as atribuições do próprio cargo, com o cuidar, a resistência e o preconceito das famílias e da comunidade escolar, sendo estas causadoras de tensões e suspeitas, a questão da inexistência dos banheiros masculinos ou a sua indisponibilidade, os comunicados que excluem o sujeito professor homem e os baixos salários recebidos, todos esses fatores ao passarem por análise e estudos dos autores que versão sobre estas temáticas nos levam a reflexão de que é fundamental uma mudança de olhar, buscando torná-lo mais atento e

cuidadoso com os professores homens que atuam na Educação Infantil. É necessária uma desconstrução das ideias, concepções e definições existentes no imaginário das pessoas, da comunidade escolar e como o próprio professor Rodrigo diz em entrevista: *“para se inserir e permanecer na Educação Infantil enquanto professor do sexo masculino é preciso quebrar esses paradigmas rompendo com as lógicas e padrões preestabelecidos socialmente”*.

Ainda nesse sentido é fundamental que os 0,44% ou 25 professores homens na Educação Infantil da RME-BH, conforme dados fornecidos em tabela pelo SGE em 29.10.2019, ganhem visibilidade, sejam valorizados e respeitados dentro deste contexto no qual estão inseridos.

4.2 Percepção dos Diferentes Seguintos Escolares Sobre a Presença do Professor do Sexo Masculino na Educação Infantil de uma EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

Ao assumir uma sala de aula, uma turma da Educação Infantil, e aqui o professor Rodrigo na EMEI Bem-Te-Vi assumiu a turma do Berçário, este profissional precisa provar para a instituição de ensino e para os pais das crianças que tem competência, aptidão, habilidade e que também a sua sexualidade não trará perigos para as crianças. Sobre isso, muitas pessoas trazem consigo, no imaginário que se um homem escolhe dar aulas para crianças, ele é homossexual ou até mesmo pedófilo. Sobre o que Ramos (2011) discorre:

Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças (RAMOS, 2011, p.61).

Buscando identificar as percepções dos diferentes seguintes da comunidade escolar sobre a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil a partir de agora se dará a descrição e análise das falas durante as entrevistas da diretora, da coordenadora pedagógica e da professora que trabalham com o professor Rodrigo na EMEI Bem-Te-Vi.

De acordo com a diretora da EMEI, Luciana, o professor Rodrigo se mostra cuidadoso, agindo de forma atenciosa e zelosa com as crianças. Também se destacam suas qualidades de participação e envolvimento com as questões de trabalho propostas. Fala da

diretora Luciana: *“O professor Rodrigo é bem tranquilo, chegou na escola no início deste ano, 2019, todos já sabiam que ele viria de outra EMEI. Receberam-no de braços abertos. Atuando no berçário com as turmas de 1 a 2 anos nota-se muito o cuidado, o zelo e a atenção que dispensa as crianças. Possui uma postura de profissionalismo e respeito em relação aos alunos. Quando dobrou a tarde com as crianças de 5 para 6 anos mostrou-se com uma postura calma o que trouxe tranquilidade para a turma que é mais agitada, passando segurança para as crianças. Com relação ao seu envolvimento com as propostas de trabalho e com o PPP da escola, o professor Rodrigo é bastante participativo envolvendo-se com interesse e dedicação em todas as atividades”.*

A segunda pessoa entrevistada é a professora Elizângela que atua juntamente com o professor Rodrigo na turma do berçário da EMEI Bem-Te-Vi, para ela, o seu colega é uma pessoa carismática, atencioso, carinhoso e preocupado com as crianças, buscando constantemente por especialização e formação na sua área de atuação. A professora diz: *“Uma das qualidades que diferenciam o seu trabalho, tornando-o positivo é a sua personalidade. Ele é uma pessoa muito carismática. É bem atencioso, carinhoso e preocupado com as crianças. Comprometido, estuda bastante e está sempre procurando especializar-se na área. Sempre participa, envolvendo-se no projeto e nas questões pedagógicas da turma e da escola”.*

Já a coordenadora pedagógica Alessandra percebe duas características positivas na presença do professor Rodrigo na Educação Infantil da EMEI Bem-Te-Vi, são elas: o domínio de turma o que corrobora para a realização do trabalho de forma exitosa. A coordenação diz: *“A qualidade marcante do professor Rodrigo se refere ao seu domínio de turma e consequentemente à realização do trabalho com sucesso”.*

Foi possível constatar que as pessoas entrevistadas, a diretora, a professora e a coordenadora pedagógica consideram importante a presença do sexo masculino, no caso da EMEI Bem-Te-Vi, do professor Rodrigo e elencaram como positivo as suas características pessoais, o perfil, o compromisso e o envolvimento com o trabalho, a relação respeitosa e cuidadosa com as crianças e a busca constante por formação continuada na área da Educação Infantil.

O pesquisador durante a realização das entrevistas notou uma grande necessidade intrínseca dos (as) entrevistados (as) em transmitir sempre uma imagem positiva de que não há ou houveram na EMEI Bem-Te-Vi nenhum fato dificultador ou desafiador quanto a recepção, a inserção e a permanência do professor Rodrigo na escola, entretanto ao mesmo tempo citaram o episódio ocorrido com o profissional de apoio à inclusão que de acordo com

as falas, este não se adaptou a instituição e acabou saindo. Como essa situação não era alvo dessa pesquisa, não foi feito o detalhamento do episódio. Todavia ficaram como indagações pessoais: Será que se tratou da diferença de perfil, da incapacidade profissional, da relação com as crianças ou com a comunidade escolar? Quais as intervenções foram feitas pela direção e coordenação da escola com intuito de melhorar a prática do profissional? Como o pesquisador não trabalha na instituição da pesquisa, ou seja, na EMEI Bem-Te-Vi verificou de certa forma uma resistência na abordagem de tal assunto.

E por isso, o pesquisador compreende que existe um considerável receio e desconfiança dos profissionais entrevistados da EMEI quanto a este sujeito novo que não faz parte do grupo, da equipe, portanto acabam não se sentindo confortáveis na abordagem do episódio citado no parágrafo anterior.

4.3 Contribuições da Coordenação Pedagógica no Processo de Inserção e Permanência do Professor Homem na Educação Infantil em uma EMEI da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

A pesquisa chegou a um dos seus pontos principais fazer o levantamento das contribuições da coordenação pedagógica para o processo de inserção e permanência do professor homem na Educação Infantil.

Inicialmente os quatro profissionais entrevistados da EMEI Bem-Te-Vi, a diretora, a professora, a coordenadora e o professor consideraram a acolhida como sendo fundamental, sem a qual a recepção, a inserção e a permanência do professor homem na Educação Infantil se tornam complexa, quase impossível.

Todos os entrevistados também foram unânimes ao elencar que a coordenação pedagógica pode contribuir com a inserção e permanência do professor Rodrigo na Educação Infantil e na EMEI uma vez que deve concentrar seus esforços no trabalho de mediação, diálogo com as famílias e comunidade escolar; e na apresentação, divulgação do trabalho desenvolvido pelo profissional. No seu fazer pedagógico a coordenação precisa estabelecer uma parceria com o professor e o seu trabalho, buscando apoiá-lo, incentivá-lo e ajudá-lo nas questões cotidianas que forem surgindo, de forma articulada tendo como prioridade as crianças e o seu desenvolvimento. Sobre esse aspecto a diretora Luciana diz: *“Cabe a equipe gestora, nesse caso incluir a coordenação pedagógica da escola ter o cuidado maior de explicar para a comunidade, conscientizando os pais e levando-os a acabar com o preconceito e a resistência quanto a presença do professor homem na EMEI”*.

Sendo assim, compreendendo as instituições de Educação Infantil como espaço de relações sociais e a coordenação pedagógica inserida neste contexto deve como afirma Santos (2015) entender que “trata-se de um ambiente que envolve diversos relacionamentos: crianças com crianças, professores com crianças, professores e familiares das crianças, crianças com os conhecimentos do mundo natural e social, entre outros” (SANTOS, 2015, p.44). Então, a tarefa da coordenação pedagógica trata-se de um trabalho complexo e dinâmico.

A coordenadora pedagógica Alessandra, relata: *“O professor Rodrigo ao dobrar no turno da tarde solicitou para fazer o projeto no último horário para não entregar as crianças as suas famílias que não o conhecem e nem ele a elas, isso na hora da saída. Então fiquei na sala para ajudá-lo a receber as crianças durante a entrada, pois como os pais do turno da tarde não o conhecem, percebi um certo receio. Isso ocorreu somente no primeiro e segundo dias. Agora ele recebe as crianças durante a entrada e eu enquanto coordenadora fiz a mediação necessária apresentando-o”*. Nessa situação vale salientar o que afirma Santos (2015): “é igualmente importante que os coordenadores desenvolvam relacionamentos qualitativamente melhores entre os pais e professores de modo que todos venham a se conhecer e reconhecer no projeto pedagógico da instituição de educação infantil” (SANTOS, 2015, p.6).

Também de acordo com a coordenadora Alessandra: *“Ela procura ao fazer os contatos com as famílias, uma apresentação do professor, para que estas tenham conhecimento e informações sobre o profissional com o qual os seus filhos ficarão. A comunicação com as famílias, a apresentação e a transmissão de segurança por parte dos profissionais da escola são essenciais, afinal a EMEI constitui-se no primeiro espaço fora do ambiente familiar onde as crianças pequenas iram ficar e se relacionar com um outro mundo, novo e desconhecido, assim como com os novos e distintos adultos”*. Vale ressaltar a afirmação de Fernandes (2012) de que “a ação dos coordenadores é reflexiva e impulsionadora, propositiva e de ação solidária”.

Partindo dessa premissa é preciso compreender a ação da coordenação pedagógica como articuladora e de parceria contribuindo efetivamente com as práticas do professor.

Já o professor Rodrigo ressalta que: *“A coordenadora Alessandra mostrou-se receptiva com ele, e age com atitudes de acolhimento, escuta, diálogo e parceria. Demonstrando sempre cuidado com ele, com as crianças e com as famílias. Sinto respaldo, segurança e confiança na coordenação e direção da escola. Quando aparece alguma situação que necessita de resolução, conversamos e procuramos juntos a melhor solução”*. Assim sendo, a coordenação pedagógica da EMEI Bem-Te-Vi assumiu a sua função

articuladora da formação e transformação; e tem sido fundamental para a inserção e permanência do professor Rodrigo na sua atuação enquanto homem docente no berçário da instituição e na Educação Infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi realizada com o principal objetivo de analisar como a coordenação pedagógica pode contribuir no processo de inserção e permanência do professor homem na Educação Infantil em uma EMEI da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte- Minas Gerais. Também buscou descrever as dificuldades e desafios vivenciados pelo professor nesse processo, identificando como a diretora, a professora e a coordenadora da EMEI percebem a presença do profissional docente do sexo masculino e por último analisando junto ao professor e à coordenação pedagógica quais as suas contribuições na trajetória e permanência deste profissional na Educação Infantil.

Em entrevista com os atores pesquisados, foi possível verificar quais são os desafios e dificuldades do professor do sexo masculino na docência na Educação Infantil, são elas: a resistência e o preconceito da comunidade escolar, principalmente no aspecto do cuidado e higiene pessoal com as crianças pequenas, quando se trata dos contatos corporais com as mesmas, gerando tensões e suspeitas sobre a sexualidade do profissional masculino, de abuso ou pedofilia, ideias que geralmente pairam no imaginário das famílias e demais adultos atuantes nessa modalidade de ensino, oriundas das visões deturpadas, das concepções ou preconcepções de que esse deve ser um ambiente definitivamente ocupado pelas professoras mulheres; outros três desafios são evidenciados de maneira clara ao longo da pesquisa, sendo eles: a dificuldade da utilização pelo professor homem dos próprios espaços físicos das EMEIs, em específico, dos banheiros, ocupados em sua maioria pelas professoras mulheres que representam imperiosamente a maior quantidade; a questão da não inclusão deste profissional nos comunicados/informes realizados a comunidade escolar, promovendo uma invisibilidade ou a não integração dos sujeitos e finalmente pela não valorização profissional quando se fala da remuneração que de modo geral são dispensados baixos salários ao trabalhador (a) professor (a) da Educação Infantil.

Ainda foram identificadas as percepções da diretora, da professora e da coordenadora pedagógica da EMEI sobre a presença do professor na instituição, sendo constatada como positiva tendo em vista o seu comprometimento, sua responsabilidade, seu envolvimento profissional com o trabalho, a relação com as crianças e a sua constante busca por aprimoramento em formação. Ou seja, o perfil do professor tem sido considerado adequado ao trabalho na Educação Infantil e na EMEI.

E para finalizar todos os levantamentos apontados na pesquisa indicaram que as principais contribuições da coordenação para inserção e permanência do professor homem na Educação Infantil são: a acolhida, a apresentação do profissional às famílias, o estabelecimento da parceria na realização do trabalho, o exercício contínuo da função articuladora, enfatizando a escuta e o diálogo, primando sempre pela referência da criança na centralidade do processo de ensino e aprendizagem.

Além de incentivar as crianças desde pequenas de forma democrática a convivência e o respeito as diferenças, sejam elas de qualquer natureza, aqui se ressaltam as de gênero, promovendo a convivência harmoniosa entre professores e professoras, as crianças e suas famílias, assim como toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES – MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ALTMANN, Helena e MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Homens na Educação Infantil: Olhares de Suspeita e Tentativas de Segregação**. Cadernos de Pesquisa. V.44, n.153, p.720-741. Jul./set. 2014.

ANPED- Associação anual em pesquisa em educação, 30ª reunião da ANPED (2007). **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. Frederico Assis Cardoso GT: Gênero, Sexualidade e Educação/n.23.

BELO HORIZONTE. **SGE-Sistema de Gestão Escolar**. 26 outubro de 2019.

_____. Decreto nº 17.005, de 31 de outubro 2018.

_____. Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018.

_____. Portaria SMED nº 304/2018.

_____. Desafios da Formação – Proposições Curriculares para a Educação Infantil. Volume 1 e 2. Concepções e Diretrizes da Política Municipal de Educação Infantil. 2013.

BRASIL. Constituição Federal (1988) disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil03/Constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>

EITERER, Carmem Lucia; MEDEIROS, Zulmira. Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Tania Margarida Lima Costa (Org.), **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Núcleo de Integração. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010. 48p.

FERNANDES, M.J.S Coordenador Pedagógico. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: Trabalho profissão e condição docente**. Grupos de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/ FAI/ UFMG). Belo Horizonte: UFMG, 2010. CDROM.

FERNANDES, Rosana César de Arruda. **Coordenação de Curso de Graduação: das políticas públicas da gestão institucional**. 250f. 2012. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FERNANDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora: Uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre – RS. Artes Médicas, 1994.

FILIPPINI, T. O papel do pedagogo. In: EDWARDS, C., GANDINI, L. & FORMAM, J. **As cem linguagens da criança: a abordagem de ReggioEmilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p.123-127.

GOULART, Maria Inês M. A criança e a construção do conhecimento. In: CARVALHO, A. et al. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.1986.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão: Uma Opção Metodológica na Pesquisa na em Educação**. Educação e Realidade. V. 36, n.2, UFRS, Rio Grande do Sul, 2011.

QUIRINO, Raquel. Saberes e Práticas do Pedagogo como Coordenador Pedagógico. **Revista Docência do Ensino Superior**. V.5, n.2, p.31-56, Belo Horizonte, 07jan.2016.

RAMOS, Joaquim. **Um Estudo Sobre os Professores Homens da Educação Infantil e as Relações de Gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG**. 140f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales. **Especificidades da Coordenação Pedagógica**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, Editora Dimensão, V.21, n.124, jul./ago., 2015.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche**. 273f. (Doutorado). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2005.

SILVA, Claudionor Renato. **Docência Masculina na Educação Infantil: Impressões de um iniciante – gênero e raça em discussão**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento:** projeto de ensino aprendizagem e político pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.